

IDENTIFICAÇÃO DE PERFIS LINGÜÍSTICOS NO *FACEBOOK* DURANTE A INVESTIGAÇÃO POLICIAL

THE IDENTIFICATION OF LINGUISTICS PROFILES ON FACEBOOK DURING THE POLICE INVESTIGATION

IDENTIFICACIÓN DE LOS PERFILES DE IDIOMAS EN *FACEBOOK* PARA LA INVESTIGACIÓN POLICIAL

Alexandre António TIMBANE*

Resumo: A linguística é uma ciência importante para a nossa sociedade e pode ser aproveitada nos diversos campos do interesse da nossa sociedade. Sendo assim, a presente pesquisa é uma reflexão sobre a investigação criminal com o uso do *facebook* como ferramenta para a identificação do perfil linguístico dos suspeitos. Segundo Coulthard (1985) a análise do discurso é, sem dúvidas, um meio pelo qual se observa e se analisa a língua com maior incidência na interação conversacional em textos orais e escritos. A pesquisa tem por objetivo (a) discutir os conceitos da oralidade e da escrita em contexto do *facebook*; (b) explicar como o discurso da internet tem características próprias e (c) delimitar as características dos suspeitos investigados com base em exemplos de quatro indivíduos. A pesquisa analisou quatro usuários de *facebook*, todos moçambicanos e observou que a oralidade se mistura no escrito, mas o contrário não ocorre, quer dizer, podemos ver marcas da oralidade num texto escrito, mas no texto oral a escrita não se apresenta de forma evidente. Cada usuário do *facebook* tem o seu estilo conversacional que se demonstra através do léxico, da construção sintática bem como o uso de estrangeirismos e de moçambicanismos. No *facebook*, o respeito pela norma ortográfica tem pouca importância e assim, o uso de abreviaturas, siglas e outros neologismos são aceites pelos usuários. Conclui-se que o *facebook* é um aliado importante que pode ajudar aos policiais na identificação do perfil linguístico dos suspeitos.

Palavras-chave: Perfil linguístico. *Facebook*. Investigação Policial.

Abstract: Linguistic is an important science to our society and can be availed in various fields of interest of our society. Thus, this research is a reflection on the criminal investigation with the use of Facebook as a tool for identifying the linguistic profile of the suspects. According to Coulthard (1985) discourse analysis is undoubtedly a means by which one observes and analyzes the language with the highest incidence in conversational interaction in oral and written texts. The research

* Pós-Doutor em Linguística Forense, Pós-Doutor em Estudos Ortográficos, Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Professor e Pesquisador Visitante Estrangeiro na Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. Contato: alextimbane@gmail.com.

aims to (a) discuss the concepts of orality and writing in the context of Facebook; (b) explain how the discourse of the internet has its own characteristics and (c) delimit the characteristics of investigated suspects based on examples from four individuals. The research analyzed four facebook users, all Mozambicans and observed that orality blends in writing, but the opposite does not occur, ie, we can see marks of orality in written text, but in the oral writing text features is not evident. Each Facebook user has his conversational style that is demonstrated through the lexicon, the syntactic construction and the use of foreign words and mozambicanisms. On Facebook, the respect for standard spelling is minor and therefore the use of abbreviations, acronyms and other neologisms are accepted by users. We conclude that Facebook is an important ally that can assist police in identifying the linguistic profile of suspects.

Keywords: Linguistic profile. Facebook. Police Investigation.

Resumen: La lingüística es una ciencia importante para nuestra sociedad y puede ser utilizada en diversos campos de interés de nuestra sociedad. Por lo tanto, esta investigación es una reflexión sobre la investigación criminal con el uso de Facebook como una herramienta para identificar el perfil lingüístico de los sospechosos. Según el análisis del discurso Coulthard (1985) es, sin duda, un medio por el cual se observa y analiza el lenguaje con mayor incidencia en la interacción conversacional en textos orales y escritos. La investigación tiene como objetivo (a) discutir los conceptos de la oralidad y la escritura en el contexto de facebook; (b) explicar cómo el discurso de internet tiene sus propias características y (c) para mostrar las características de los sospechosos investigados basado en ejemplos de cuatro individuos. La investigación analizó cuatro usuarios de Facebook, todos mozambiqueños y se observó que la oralidad se mezcla por escrito, pero lo contrario no se produce, es decir, podemos ver las marcas de oralidad en el texto escrito, pero en el texto escrito por vía oral cuenta que no es evidente. Cada usuario del Facebook tiene su estilo de conversación que se demuestra a través del léxico, la construcción sintáctica y el uso de palabras y mozambicanismos extranjeros. En Facebook, el respeto por la norma ortográfica es menor y, por tanto, el uso de abreviaturas, acrónimos y otros neologismos son aceptados por los usuarios. Llegamos a la conclusión de que el Facebook es un aliado importante que puede ayudar a la policía a identificar el perfil lingüístico de los sospechosos.

Palabras clave: Perfil lingüístico. Facebook. Investigaciones de la Policía.

Introdução

Desde o surgimento da humanidade a linguagem e a lei sempre estiveram interligados, mas poucos criminalistas deram o seu espaço. Hoje fala-se de Antropologia forense, Psicologia forense, Biologia forense, Sociologia forense, física forense entre muitas outras ciências,

mas a Linguística forense ainda é uma novidade no seio acadêmico em Moçambique e em muitos países. Trabalho relevante e publicado nesse âmbito surge em 1968, com a pesquisa do Professor Jan Svartvik que deu evidências linguísticas num caso judicial que ficou conhecido como “*The Evans Statements: a case for forensic linguistics*”. Este foi o “ponta-pé de saída” (ou melhor, “tiro de meta”, no português brasileiro) de uma ciência, designada **Linguística Forense** ou **Linguagem e Lei** que veio a crescer bastante nos últimos anos. Entendamos por **Linguística Forense (LF)** como uma área da linguística aplicada que se interessa pelo uso de teorias linguísticas em contextos do direito, em situações de investigação criminal, julgamento e processo judicial. A LF é uma ciência que liga a Linguagem e o Direito tentando revelar evidências (linguísticas) em investigações ou em processos judiciais. Os principais interesses dessa disciplina são a atribuição de autoria de textos escritos, na identificação de falantes, na análise de textos ambíguos, nos crimes que são cometidos pela linguagem (calúnia, difamação, ameaças, etc). Nos últimos anos, o crescimento da LF envolve a aplicação de pesquisas linguísticas (análise do discurso, dialetologia, variação linguística, estilística, fonética, morfologia, sintaxe) e temas sociais relacionados com a lei.

Portanto, a busca de provas na investigação criminal não utiliza um só método. Toda a prova, indício, etc precisa ser recolhido e analisado pelos agentes de investigação, por forma a produzir um relatório plausível diante da justiça. A procura de provas para elaboração de um inquérito policial é um caminho tortuoso, espinhoso, árduo que exige várias competências do(s) agente(s) em causa por forma a ultrapassar suas limitações. Um bom investigador quando desenvolve uma investigação não pode a princípio sair com uma só linha de investigação. Deve possuir várias linhas que poderão ser eliminados à medida que a investigação se desenvolve. Na investigação pode se apelar aos recursos tecnológicos do tipo computador (análise linguístico-forense), gravadores (áudio e vídeo), mapas, máquinas fotográficas, máquinas de filmar, telefones, detector de mentiras, de rosto, de impressões digitais entre vários outros.

Estudando casos de investigado na Inglaterra, Coulthard (2002) demonstrou que a polícia precisa (por vezes) gravar certas declarações feitas pelos suspeitos por forma a provar o que foi dito,

porque os policiais são/podem ser acusados de ter fabricado as evidências ou provas de todo tipo. Muitos delegados de polícia e pesquisadores forenses têm utilizados conhecimentos da LF de forma empírica, pois na formação pouco se faz alusão às questões linguístico-teórico e práticos. Hoje é muito frequente o uso de programas computacionais para a produção de provas. Um exemplo atual é o *Facebook* que é um dos meios de interação nas redes sociais e que tem se proliferado nos últimos anos. O *Facebook* pode ser acessado no computador, no telefone, no *tablet*, no *smartphone*, etc. Nele, os intervenientes colocam seus dados pessoais e conversam por escrito. Essas conversas, comentários, críticas ou outras podem ser vistos, acessados por muitos (amigos ou não). Nele se pode encontrar informações pessoais, do grupo de interesse entre outros.

Sendo assim, as anotações ou declarações feitas no *Facebook* podem ajudar a delimitar o comportamento linguístico de suspeito ou acusado e mostrar as evidências num determinado caso. Toda evidência é válida para provar / absorver um suspeito. Não há dúvidas de que o *Facebook* é um grande aliado na investigação criminal em muitos países. No Brasil, vários casos foram solucionados pela polícia utilizando o *Facebook*. Por exemplo,

(ex. 1) O **Jornal UOL**, em São Paulo, de 12/05/2014 anunciou: *Traficante posta foto no facebook com drogas ao lado de viatura e é preso.*

(ex. 2) O site da **Rádio Globo**, Rio de Janeiro de 21/10/2013 anunciou: *Traficante entra na piscina com fuzis e posta foto em rede social.*

(ex. 3) O **Jornal Ibira News Regional**, de 6/12/2012 publicou: *Polícia de Potirendaba utiliza facebook para pegar pedófilo.*

(ex. 4) Em vários canais de TV brasileira se leu: O facebook auxilia na identificação de supeitos de estupro de uma jovem de 16 anos no Rio de Janeiro (30/06/2016)

Estes exemplos mostram que o *Facebook* é um aliado importante para o trabalho investigativo. Hoje, existem muitos pedófilos que usam o *Facebook* para realizar seus crimes. E, se a polícia domina este instrumento pode muito bem desenvolver uma pesquisa mais aprofundada por forma a chegar aos autores (criminosos) e prendê-los rápida e eficientemente. Dados do *site* do *Facebook* apontam que no mundo há mais de um bilhão de usuários,

com uma média de 135 amigos cada um. Isso mostra que quem domina e explora o *Facebook* pode usar os dados e cruzá-los com cerca de milhões de pessoas ao redor do mundo.

Depois desta análise genérica levantam-se as seguintes questões: como se pode delinear o perfil linguístico de um suspeito através do *facebook* e quais as variáveis que podem ser observadas? Levanta-se a hipótese de que cada sujeito tem a sua forma de apresentar o seu discurso, seja de forma oral ou escrita, como é o caso do *facebook*. Se cada um tem o seu traço linguístico próprio, então é possível dizer que esta fala/escrita é/foi do/a fulano/a e não do/a sicrano/a. Daí a intervenção da análise do discurso que tenta compreender as particularidades discursivas de cada indivíduo tendo em conta as variáveis sociolinguísticas, isto porque a estratégia conversacional pode ser evidência criminal na Linguística Forense. (Shuy, 2005).

A pesquisa tem por objetivo (a) discutir os conceitos da oralidade e da escrita em contexto do *Facebook*; (b) explicar como o discurso da internet tem características próprias e (c) delimitar as características dos suspeitos investigados com base em exemplos de quatro internautas. Primeiramente discutimos questões da oralidade e da escrita e a simultaneidade no discurso do *Facebook*. Na verdade, a oralidade se mistura no escrito, mas o contrário não ocorre, quer dizer, podemos ver marcas da oralidade num texto escrito, mas no texto oral a escrita não se apresenta de forma mais aberta. É que na escrita, temos formas gráficas, moções e outros caracteres que não podem ser expressos pela oralidade oral. Mostramos exemplos desse tipo mais adiante. Outro aspecto levantado nesta pesquisa é o fato de que o discurso da *internet* tende a ser específico, ser característico tendo em conta as variáveis sociolinguísticas. Mais adiante se apresentou análise dos dados, sua discussão e termina-se com as considerações finais que resumem a pesquisa. É importante anunciar que a pesquisa é referente ao contexto sociolinguístico moçambicano e no quadro da formação em Ciências Policiais.

1 A oralidade e a escrita na *internet*: seus entrelaçamentos

Moçambique é um país africano onde a tradição oral é mais marcante do que a escrita. Entendemos que o processo de passagem de uma sociedade de tradição exclusivamente oral para uma sociedade com uma ou mais variedades linguísticas escritas e com uma escola formal é um processo complexo. É que Moçambique é um país multilíngue onde convivem cerca de vinte línguas bantu, o português, o árabe, o gujarati e o híndi. O contexto sociolinguístico contribui para o insucesso escolar, principalmente nas séries iniciais, numa situação em que o português tem mais vantagem por ser língua oficial, de prestígio e de língua de união.

Segundo dados de Malik (2013), Moçambique está no 185º lugar no *ranking* mundial em desenvolvimento humano com cerca de 56,1% de taxa de analfabetismo de adultos, com uma satisfação de qualidade em 63.3% e com 64.6% de taxa de abandono escolar. Um dos problemas do fraco aproveitamento escolar é o fato de que a criança estuda utilizando uma língua desconhecida. Aliás, está-se numa situação de uma variedade em formação fato que interfere na escrita e na fala dos cidadãos.

Por outro lado, a escrita é adquirida através da educação formal. O acesso às novas tecnologias também está intimamente ligado ao domínio da escrita e ao mesmo tempo do nível de alfabetização. Sendo assim, cidadãos que têm acesso as novas tecnologias são aqueles que pelo menos têm o ensino fundamental, na sua maioria. O acesso à *internet* tem vindo a crescer nos últimos anos, fato que permite os menos escolarizados tenham acesso à esses meios tecnológicos. Aliás, a *internet* não só está no computador, mas também está presente no celular, nos *tablets*, etc. Os principais espaços de interação e de diálogo nas redes sociais são: *orkut*, *facebook*, *twitter*, *google+*, *skype*, *instagram*, *badoo*, *whatsApp*, *ask.fm*, *blogs*, etc.

Esses meios ou formas de comunicação são usados por meio de áudio-vídeo ou simplesmente por mensagens escritas. Para esta pesquisa interessa-nos o texto escrito do *facebook*. Sabendo que um texto escrito é composto por períodos que se desdobram em parágrafos pretende-se analisar como isso se comporta no *facebook* em particular. Num parágrafo composto por um ou mais parágrafos as ideias se

entrelaçam tecendo um conjunto de ideias que relacionadas entre si trazendo uma organização lógica do assunto tratado. Esta sequência não possui um formato padrão, o que significa que depende do estilo e do gênero textual em questão.

Segundo Favero, Andrade e Aquino (2000, p. 29) a “construção de um parágrafo bem estruturado exige que este apresente unidade, coerência, concisão e clareza, visto que não há possibilidade de participação direta e imediata do interlocutor, como ocorre no texto oral”. Os textos do *Facebook* não seguem esta proposta acima apresentada porque os interlocutores se sentem mais próximos e com consequência, estão comunicando face a face. As redes sociais são um espaço aberto, sem avaliação da escrita, o que significa que poucos se preocupam em escrever corretamente as frases, razão pela qual se usa marcas discursivas da oralidade com mais frequência. Para além de siglas, acrônimos e abreviaturas também se usam ícones especiais presentes em cada rede social. Por exemplo, usa-se ☺ para dizer que está feliz e 🎵 para dizer que está escutando música.

O destinatário das mensagens pode ser um indivíduo (conhecido ou não), para um grupo de pessoas ou ainda para um número indeterminado de pessoas (internautas no geral). É por isso que o *Facebook* possui três opções para determinar quem deve ver a imagem/informação ou recado: As três opções são: “público”, “amigos” e “somente eu”.

O internetês ou *netspeak* tem características que se aproximam mais da oralidade do que da escrita. Tal como Vanoye (1987), Favero, Andrade e Aquino (2000) e Marcuschi (2012) mostram, a fala exige uma interação presencial face a face, embora acreditemos que possa ser a distância (como é o caso de telefone, *skype*) ou em tempo disperso (como é o caso de recado gravado no telefone ou celular). Na fala há um planejamento simultâneo, sem condições de consulta e com impossibilidade de apagamento. Predomina a reformulação e o texto oral mostra todo seu **processo de criação**. Entendemos como processo de criação as hesitações, as pausas, as repetições, os gaguejos, as reformulações e outros que fazem parte da construção do discurso falado.

O internetês, segundo Cristal (2005) e Rajagopalan (2013) confere a uma variedade linguística usada por internautas em suas

comunicações mediadas por computador. Entendemos que o internetês seria a linguagem (geralmente escrita) ou o linguajar característico dos internautas em situação de comunicação em redes sociais onde predomina siglas, acrônimos, abreviações, redução da grafia das palavras, sinais de pontuação e moções etc. Neste tipo de comunicação não se exige a ortografia (no sentido literal), mas se exige a compreensão (decodificação) da informação dada.

É um campo em que a “boa escrita” e a organização textual são menos ou quase nunca exigidos pelo fato de ser mais informal do que formal. O internetês modifica os hábitos de comunicação mais comuns considerados politicamente corretos. É que “os possíveis erros de digitação não levam a concluir, como na escrita convencional, que houve erro e desconhecimento de regras da ortografia. Os textos são produtos da pressa e logo detectados e são passageiros e voláteis” (CARVALHO; KRAMER, 2013, p. 79). É frequente o uso de estrangeirismos e empréstimos linguísticos vindos do inglês, com maior incidência nos termos da informática. Cerca de 67% dos empréstimos do Português de Moçambique provêm da língua inglesa (TIMBANE, 2013).

Chomsky (2009, p. 63) falando sobre “Linguagem e mente” sustenta a ideia de que “a pessoa que adquiriu conhecimento de uma língua interiorizou um sistema de regras que relaciona som e significado de determinada maneira”. Isso é o que se espera dos internautas que se comunicam pelo *facebook*. Mas, o que se verifica na prática é que os internautas criam novos vocábulos (neologismos de todo tipo), criam grafias específicas, introduzem novas abreviaturas com intuito de economizar o espaço, o tempo da escrita. Surge, o que Stubbs (1989, p. 33-35) designa por “conversação natural”. Nesta comunicação não há planeamento (tal como acontece em outros gêneros textuais escritos), não há tempo para correções ortográficas e gramaticais, de sentido, ou melhor, não há revisão do texto antes do envio. O que importa é a comunicação, porque como se sabe “a língua sempre ocorre num contexto, a língua é sensível no contexto, a língua é sempre comunicativa e a língua é designada para a comunicação” (SCHIFFRIN, 1996, p. 3).

Segundo Cristal (2003, p. 7-8) há cinco tipos principais da língua escrita:

1. **Características gráficas:** a apresentação da língua escrita é definida em termos de fatores tais como, tipografia distintiva, *design* de página, espaçamento, uso de ilustrações e cor e outras formatações. Por exemplo, a variedade de jornal seria identificado principalmente através do uso de manchetes, colunas e legendas.
2. **Características ortográficas (ou grafológica):** o sistema de escrita de uma linguagem individual é definido em termos de fatores como uso distintivo do alfabeto, maiúsculas, ortografia, pontuação, e maneiras de expressar ênfase (itálico, negrito, etc). Para além disso, o tipo de vocabulário utilizado pode ser um a marca individual.
3. **Características gramaticais:** as muitas possibilidades de sintaxe e morfologia, definido em termos de fatores tais como o uso distintivo da estrutura da frase, a ordem das palavras, inflexões da palavra.
4. **Características lexicais:** o vocabulário de uma língua é definida em termos do conjunto de palavras e de expressões idiomáticas dadas no uso distinto dentro de uma variedade. O português de Moçambique, segundo Timbane (2013) tem características lexicais próprias que distingue das outras variedades usadas na Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa. Por exemplo, as unidades lexicais *lobolar* ou *anelar* (ato de entregar dote), *sograria* (casa dos sogros), *descamisar* (ato de tirar a camisa), *mukhero* (negócio ilícito fronteiriço) *macuaela*, *mapico* (tipos de dança moçambicanas), *deixa-sofrer* (minissaia), *bichar* (fazer fila) ocorrem exclusivamente na variedade do Português de Moçambique.
5. **Características discursivas:** a organização estrutural de um texto é definida em termos de fatores tais como a coerência, a relevância, estrutura de parágrafo, e a progressão lógica das ideias; por exemplo, entre artigo de jornal e um artigo científico de uma revista tipicamente consiste na sua sequência fixa de secções incluindo o resumo, introdução, metodologia, resultados, discussão e conclusão.

Desta forma é importante observar que a escrita exige uma organização, um planeamento fato que não ocorre na oralidade. O diálogo, segundo Mattos (1998, p. 2), “seria, então, uma produção bem pouco ou mesmo nada planejada; além do mais, tenderia a explicitar os procedimentos envolvidos em sua formação a fim de facilitar a compreensão e garantir a compreensão e garantir a interação comunicativa.” Nessa comunicação existe uma auto-regulação, o que

significa que é o próprio ato de conversar que vai provocar um certo tipo de conversa. O Quadro 1 ilustra como a dimensão escrita e fala se relacionam ou se distinguem.

Quadro 1: Dimensões da língua falada e escrita

Dimensões	Ocorrendo naturalmente	Planejado
Língua oral / Ex. conversação diária	+	-
Língua escrita / Ex. artigo do jornal	+	+
Dados introspectivos	-	+

Fonte: Traduzido e adaptado de Stubbs (1989, p. 34)

É importante sublinhar que a ideia de Stubbs (1989) é válida em textos monitorados, ou melhor, planejados como é o caso de teses, dissertações, artigos de jornal e científicos, cartas, etc. Na linguagem do *Facebook*, o que acontece é simplesmente uma transposição do oral para o escrito. Talvez possamos definir como a oralização na escrita. Desta forma, a oralidade e a escrita na *internet* se entrelaçam na comunicação dos internautas. Há momentos em que não se percebe os seus limites, isto porque, a oralidade está presente na forma escrita. Em outras palavras, pretendemos dizer que há uma tendência de apresentar traços na oralidade na escrita internáutica.

Com relação aos sistemas de escrita, é preciso sempre partir da idéia de que eles foram criados para permitir a leitura. Todas as outras funções e usos são derivados daquela idéia inicial e fundamental. Ora, se o sistema de escrita permite a leitura, ele é uma representação da linguagem oral e só faz sentido se associado à linguagem oral; não é uma linguagem independente, não vale por si. A escrita é uma representação direta do pensamento, porque este só existe na linguagem oral (CAGLIARI, 2009, p. 18).

Já que a escrita é uma representação do pensamento, os internautas vão exprimindo o seu pensamento nas redes sociais sem mesmo padronizar a escrita das abreviaturas, siglas e ícones utilizados. Não se pode negar que há um esforço empreendido pelo leitor dessas

mensagens, recados, etc para a sua compreensão. Às vezes a compreensão se limita ao contexto do diálogo e não pela sequência lógica do texto escrito.

2 O discurso da *internet* e suas complexidades

O discurso da internet apresenta características próprias e se distingue de outros gêneros textuais, o que significa que a passagem de um discurso para o outro é acompanhado de uma mudança dentro da estrutura e é o funcionamento do grupo que gera esses discursos. (MAINGUENEAU, 1984). É na linguagem em situação que pessoas estabelecem relações de comunicativas. Segundo Vanoye (1987), a situação de comunicação reflete-se na forma e no conteúdo da mensagem. Sendo assim, o diálogo escrito repete um discurso real ou representado como real e suas características exigem recursos, procedimentos especiais, imagens e ícones, etc. O importante a remarcar é que

o texto forma uma rede em várias dimensões e se dá como um complexo processo de mapeamento cognitivo de fatores a serem considerados na sua produção e recepção. O texto não é o resultado automático de uma série finita de passos em que se usaram algumas regras recorrentes observando a boa formação frasal de todas as relações na sequência, ao qual se aplicaria algum componente interpretativo (MARCUSCHI, 2012, p. 30).

Apesar de a linguagem da *internet* ser mais ou menos informal é regido por certas regras discursivas. Por exemplo: há interdição de vocábulos obscenos e palavrões. Segundo Preti, o palavrão tem “parecido a alguns um importante elemento catártico para aliviar a crescente tensão social e, nesse sentido, o vemos extrapolar das chamadas classes baixas para todos os níveis sociais da comunidade” (PRETI, 1982, p. 64). No círculo do *Facebook*, qualquer indivíduo denunciado por conduta irregular pode ser excluído do grupo, dos amigos ou até mesmo pode ser desativado o seu registro/cadastro. Sendo assim, a linguagem grosseira é produto do gosto pelo obsceno, inerente à alma do povo e assim, pode ser uma marca que caracteriza o perfil linguístico do indivíduo. É um dado importante a ser observado e

a ser tido em conta por forma a traçar o perfil linguístico do suspeito, do acusado, do réu etc.

Entendemos que o uso ou não de termos grosseiros e obscenos num elo comunicativo dá informação ou atitude do falante tendo em conta o meio em que vive. Pode-se entender que este não é um fato empírico, porque há obviamente muitos casos de pequenas pausas e sobreposições curtas duma norma orientada para a conversação. Em outras palavras, é uma regra utilizada pelos próprios conversadores. Segundo Dijk

a escrita e a fala parecem desempenhar um papel crucial no exercício do poder. Por isso, o discurso pode exercer poder direta e coercivamente, por meio de atos discursivos diretivos e por meio de modalidades de texto tais como as leis, as regulamentações ou as instruções (DIJK, 2012, p. 84).

O discurso é perigoso, pode incriminar o suspeito se não tiver atenção nos seus argumentos. Identificando as estratégias da conversação Shuy (2002) explica que: a) uma estratégia comum é secreta quando camufla algo ilegal ou importante, fazendo com que pareça legal ou sem importância; b) outra estratégia é o que se chama de princípio da contaminação. Ouvintes posteriores a conversas gravadas podem obter informações gerais e ter ideia geral do que se passou. “A formação discursiva não define somente um universo do sentido próprio, ela define igualmente o seu modo de coexistência com os outros discursos.” (MAINGUENEAU, 1984, p.118).

Mas há também uma outra análise linguística disponível para o advogado de defesa: as estratégias de conversação usadas pelo agente. Uma das coisas que os advogados gostam de fazer é deslocar a questão longe de seu cliente e para o Ministério Público, colocando-os a julgamento em seu lugar (SHUY, 2002). Explicar o significado de uma sentença é dar uma representação abstrata da estrutura semântica dessa sentença, mas também o significado de uma sentença é dar uma representação abstrata de sua estrutura semântica. Segundo Kempson (1980, p. 104) os universais semânticos seguem três componentes essenciais: **(a)** todas as linguagens demandam o mesmo conjunto de componentes semânticos; **(b)** todas as linguagens podem ser descritas por um conjunto universal de componentes semânticos, dos quais cada

linguagem exige um subconjunto e (c) a descrição de todas as linguagens envolve um certo conjunto de componentes semânticos, mas que, além destes, vários outros têm de ser criados para a descrição de linguagens individuais.

3 Características linguísticas de sujeitos e as variáveis sociais na investigação policial

A linguagem é uma atividade de interação social, quer dizer, a linguagem se manifesta através da competência comunicativa, definida como a capacidade de manter a interação social. A língua é indissociável da sua cultura, o que significa que sempre que nos comunicamos manifestamos ao mesmo tempo, a realidade sociocultural da comunidade linguística a que pertencemos. Sendo assim, Labov (2008) define a língua como um fato social, razão pela qual seria injusto estudá-la fora do seu contexto sociocultural. Ao estudarmos o comportamento linguístico do indivíduo pertencente a uma comunidade linguística estamos estudando ao mesmo tempo as manifestações linguísticas dessa mesma comunidade. Temos que compreender as variáveis socioculturais que o falante carrega. Através da fala/escrita podemos perceber qual são as variáveis sociais que carrega: nível de escolaridade, nível social, sexo, idade, profissão, classe social entre outras.

Shuy (2005, p. 13) falando sobre a “a estratégia conversacional usada para criar crimes” mostra que as estratégias conversacionais ocorrem de forma natural em todos falantes. Mas quando estes são observados, gravados, filmados, etc estes podem fazer escolha de estratégias discursivas específicas. Segundo Shuy (2005) se essas estratégias são usadas de forma consciente ou inconsciente, o resultado pode ser chamado de uma estratégia e podem ser identificadas linguisticamente, mas também podem ser padronizados e quando são repetidos.

Quando as estratégias de conversação são identificadas e classificadas, elas têm uma existência que pode ser observada, especialmente em casos criminais em que as estacas de liberdade pessoal são muito elevados. Com isso pretende-se mostrar que a partir da análise discursiva da fala/escrita de um indivíduo é possível traçar

algumas características sociais do indivíduo, o que significa que o policial precisa estar atento, pois existe uma diferença na fala/escrita em situação familiar, profissional e comercial. Na fala/escrita familiar, por exemplo, há muito assentimento, contestação, enumeração e narração e pouca pergunta-resposta; no profissional, há convite, cumprimento, desculpa, comentário, explicação, narração e, no comercial há muito cumprimento, agradecimento, ordem, exclamação, explicação, convite, despedida e risada (MATTOS, 1998, p.44).

4 Características sociais dos internautas

O *Facebook* apresenta dados importantes sobre os usuários: a data de nascimento, o gênero (masculino/feminino), o interesse (música, filmes, jogos, livros, programas preferidos, tipo de dança, etc), o *status* de relacionamento (estado civil), os idiomas, a religião, a preferência política, as informações sobre contato (nº telefone, email), local de trabalho, local onde estudou, locais onde morou/mora (fornecido pelo sistema), amigos (nº), onde vivem, e a localização exata no mapa *Google* da cidade onde o usuário acessou o *Facebook*.

O *Facebook* fornece informações importantes sobre o investigado. É verdade que nem sempre as informações apresentadas são verdadeiras porque os criminosos da *internet* podem falsificar. Vejamos a seguir, algumas informações que o investigador pode-se valer para traçar o perfil social. Senão vejamos: (a) podemos encontrar o nome completo do usuário da conta; (b) as fotos do perfil, onde se pode reconhecer o rosto do dono da conta, dos seus amigos e familiares; (c) a opção de redes de ajuda, onde se pode ver com quem o usuário compartilhou informações; sexo (d) nome e número de identificação de usuário. Este dado permite que o usuário forneça um link personalizado para a sua linha do tempo ou página, por forma a receber e-mail em seu endereço de e-mail do *Facebook*.

Uma investigação policial constitui um conjunto de peças do jogo “quebra-cabeça” onde é preciso encontrar peças correspondentes espalhadas na mesa. Então, com estes dados em mão, o investigador já tem uma parte do “quebra cabeça” da sua investigação. É claro que a estes dados se acrescentarão muitos outros incluindo a análise discursiva que daremos como exemplo na seção a seguir.

5 Metodologia, análise e discussão

Como se viu nos debates acima apresentados, a presença de muitas marcas da oralidade na linguagem das redes sociais vem comprovar o domínio da oralidade sobre a escrita. Daí que a língua falada recorre mais às onomatopeias, às exclamações, as repetições ou ainda frases ou pensamentos inacabados/as (que se manifesta através de reticências).

A pesquisa se baseia na análise das postagens de usuários de *facebook*, escolhidos de forma aleatória no *site*. Sendo assim, selecionamos quatro usuários sendo dois homens e duas mulheres, todos de nacionalidade moçambicana, maiores de idade e tendo aberto a conta do *Facebook* há mais de dois anos. Não separamos pelo nível de escolaridade, nem por local de residência porque achamos irrelevantes. Ao separar as mensagens e postagens organizamos o corpus em formato *Word* onde mantivemos as grafias originais e preservamos a sua identidade dando-lhes um código. A escolha de indivíduos que tenham o *Facebook* há pela menos dois anos se justifica pelo fato de que acreditamos que essas pessoas já têm um domínio suficiente do uso da ferramenta. A garantia de que são maiores de idade e que são moçambicanos se baseia nos dados fornecidos por eles mesmos no cadastro do *site*.

Consideramos a amostra representativa uma vez que o *Facebook* é um espaço aberto para todo mundo e esses casos podem ser encontrados em qualquer internauta no contexto de Moçambique. Preferimos estudar caso de Moçambique porque a Polícia ainda precisa de subsídios teóricos para melhor ser incentivada a pesquisar usando as redes sociais. Nesta pesquisa, usamos o termo “informante” para referir aos indivíduos que serviram de amostra, ou melhor, cujas escritas serviram de objeto de estudo. Desde já passaremos a usar códigos para nos referirmos aos informantes, tal como mostra o Quadro 2:

Quadro 2: Variáveis sociais

INFORMANTE	SEXO	IDADE	MORADA (cidade)	ANO DO CADASTRO	ESCOLARIDADE
A	Fem.	23	Xai-Xai	2011	Fundamental
B	Masc.	38	Rio de Janeiro	2009	Superior
C	Fem.	33	Maputo	2010	Médio
D	Masc.	18	Matola	2012	Fundamental

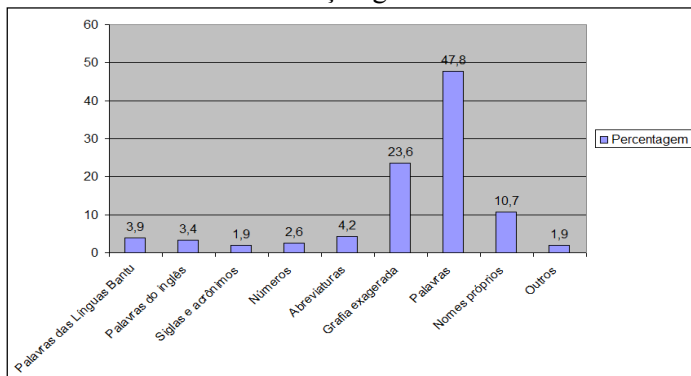
Fonte: Elaboração própria

Como se pode ver, todos os informantes têm o cadastro do *Facebook* há mais de dois anos, o significa que eles têm uma experiência no uso do aplicativo. Outro dado importante é a propósito do informante “B” que é moçambicano, mas que mora no Brasil há 2 anos. É interessante como ele apresenta traços característicos do léxico do Português de Moçambique embora esteja fora de Moçambique há mais de dois anos. Os dados coletados são referentes a abril 2013 e até abril 2014. Na apresentação dos dados indicamos o exemplo, com o número da linha da frase, tal como aparece no *corpus* que estudamos. Portanto, as linhas dos números vão de 1 a 614.

Nesta análise discutimos aspetos linguísticos da cada informante de forma separada e posteriormente cruzamos as análises dos diferentes informantes. Este cruzamento permitiu traçar de forma conducente as particularidades linguísticas dos informantes.

O texto final do *corpus* apresenta 8327 itens lexicais que foram distribuídos em 9 itens por forma a detalhar as características linguísticas. Assim, foram demarcados os seguintes itens (a): palavras provenientes das línguas bantu, (b) palavras provenientes do inglês, (c) siglas e acrônimos mais comuns, (d) algarismos arábicos, (e) grafia exagerada que serve para chamar atenção aos leitores, (f) palavras do português com escrita acertada ou não, (g) nomes próprios e (e) outros casos que não se enquadram nos casos citados anteriormente. Os dados se distribuem segundo o Gráfico 1, que se segue:

Gráfico 1: Distribuição geral dos fenômenos



Fonte: Elaboração própria

No *corpus* geral, a presença dos nomes próprios é constante dado que nos leva a concluir que é os internautas se conhecem e partilham alguns interesses. Esse dado é importante para investigação policial porque podemos ficar sabendo quais ou quem são os amigos que fazem parte do grupo de amigos e provavelmente se saberá quais os temas discutidos nas conversas. Palavras do inglês e de línguas bantu moçambicanas possuem 3,9% e 3,4% respectivamente o que significa que o inglês vem ganhando espaço na comunicação dos internautas. Esse dado comprova estudos que mostram o crescimento dos falantes do inglês impulsionado pelas novas tecnologias.

Os dados gerais mostram cerca de 23,6% de palavras cuja a grafia da palavra está exagerada e que reflete o exagero da voz que é característico da língua oral. É como se fosse um grito ou grito em voz alta. São exemplos de:

(ex. 4) “...voce pah.este Rio não é assim tão graaaaaaaaaaannnnnnnnnde...” (linha 93).

(ex. 5) “...Catia Torres Abu por uns mesinhos chás doces naooooooooooooooooo...”(linha 138).

(ex. 6) “...Tomaaaaaaaaa...(linha 144).

(ex. 7) “...Da muiiiiiiiiito tempooOo...” (linha 267).

Este tipo de grafia serve para dar mais realce ou mesmo para chamar atenção sobre uma unidade lexical mais importante. Neste caso, são as palavras **grande** (ex. 4), **não** (ex. 5), **toma** (ex. 6), **muito** e

tempo (ex. 7). Esta característica não ocorre com todos os informantes. Por exemplo, a informante “A” nunca faz alusão a este estilo nos seus textos. A informante “A” é a única que não apresentou nenhum caso de palavras com grafia exagerada, o que significa que pode ser uma pessoa mais pontual se comparação com os outros. Logo, podemos concluir que a informante “A” no seu texto não exagera a escrita para dar realce ao sentido das palavras. Ela não pode ser confundida com os restantes três. Os textos da informante “A” são sucintos, resumidos, sem detalhes se compararmos com a informante “C”, por exemplo.

Outro aspecto que nos chamou atenção é o uso do inglês em suas conversas. No corpus observa-se os seguintes exemplos:

(ex. 8) “...*I can't stop thinking about you...*” (linha 14)

(ex. 9) “... *The thought of your nipples is driving me crazy...*” (linha 18)

(ex. 10) “...*Don't worry i'll be back ...*” (linha 44)

(ex. 11) “...*Who loves never feel afraid to tell his secret who knows if vain hurt...*” (linha 58)

Estes exemplos ocorrem em 43,4% dos textos (da informante “A”), o que significa que ela se comunica com pessoas que falam ou pelos menos conhecem inglês como ela. Uma questão importante a remarcar é as frases são espontâneas, o que significa que ela não colou e copiou, são simplesmente frases elaboradas por ela. Ao dialogar com os outros mostra o domínio do inglês escrito chegando mesmo a descrever fases de uma viagem efetuada em 2013.

A informante “A” demonstra intimidade com os seus “amigos” de tal forma que passa números de telefone celular, de endereço, do local onde mora, do certificado que ganhou no curso e muitos outros detalhes sobre a vida particular dela sem medir as consequências que isso pode acarretar. Esses dados pessoais podem ajudar aos criminosos a se aproximar dela ou ainda, podem a ajudar a polícia a chegar até a ela caso seja procurada pela polícia. Em muitas ocasiões, internautas não têm noção do que é colocar dados pessoais no *Facebook*. Analisando os textos percebe-se o uso recorrente do pronome pessoal “eu” para passar qualquer informação. Os tempos verbais mais usados são o frequentes são o passado, pois a informante tende a relatar o que fez.

O informante “B” tem uma larga experiência no uso do *Facebook*. Contrariamente a informante “A” este usa *Facebook* para divertimento, passa-tempo ou mesmo discutir alguns assuntos da política moçambicana. O informante apresenta de forma aberta os seus sentimentos do tipo riso:

(ex. 12) “...Nada lições da vida somente....kkkkkkkk...” (linha 72).

(ex.13) “...HEHEHEHEHEHEHEHEHEHEHEHEHEHEHE SHNO
REALIZADO.....”(linha 224).

(ex.14) “...KAKAKAKAKAKAKAKAKAKAKAKAKAKAKAKA
TRSTIANO E MORTINHO ESTAO MAL PAH....” (linha 276).

Colocamos estas três opções gráficas do riso deste informante para provar que ele tem versatilidade para apresentar o riso. Usa o “k”, por vezes “ka” e ainda o “he” para representar p mesmo sentimento. A tristeza é representada por ícones ou moções nos textos deste falante. Cruzando o informante “B” com a informante “A” nota-se uma diferença considerável, isto porque o “A” não demonstra o seu estado de espírito nos seus textos. Em nenhuma ocasião a informante “A” demonstrou sentimentos do tipo riso, tristeza, etc.

Analisando as mensagens do informante “B” nota-se o uso frequente de letras maiúsculas para mostrar a importância dos assuntos. Nota-se o uso de maiúsculas para marcar o realce e mostrar a relevância da mensagem contida aos seus “amigos”. Mesmo tendo nível de escolaridade superior nenhuma frase apareceu em inglês ou numa língua bantu. Na sua comunicação usa simplesmente o português evitando sempre abreviaturas. Quer dizer, o texto do informante “B” escreve corretamente para os seus “amigos”, tendo cuidado com a acentuação como se pode ver no exemplo 15.

(ex. 15) “...Hoje quero dizer **um um** especial OBRIGADO a duas MAEZONAS. A Augusta da Luz Vitoria, essa MULHER por quem eu tenho orgulho de ser filho, essa MULHER que sempre me protegeu, que não se cansa de ligar para mim só para perguntar as coisas que para mim parecem as **mais mais** banais, mas que deixam sentir que tenho alguém que me ama e que esta comigo incondicionalmente....” (linha 96).

Neste exemplo observa-se o uso das maiúsculas dar ênfase e em alguns casos aparecem repetições de palavras (em negrito) que são falhas normais que ocorrem na escrita. As mensagens postadas por este informante mostram que o seu perfil linguístico condiz com o nível acadêmico dele. Logo, o texto corresponde ao seu nível acadêmico. Um dos problemas que chamam atenção é o fato de não aparecer nenhuma palavra das línguas bantu moçambicanas. Entendemos que e tenha português como sua língua materna, isto porque na maioria dos moçambicanos que têm o português como segunda língua é frequente vermos a interferência das suas línguas maternas. Pesquisas de Timbane (2013) mostraram as interferências constantes das línguas bantu moçambicanas na fala/escrita dos moçambicanos que possuem o português como segunda língua. O informante “B” discute assuntos da:

(a) Assuntos da política

(ex. 16) “...Não creio eu que o discurso da Excia Verónica Macamo tenha sido sob orientação do PR. Em hipótese levanto a possibilidade do Presidente da FRELIMO ter dito temos que dar o sangue para recuperar Quelimane. Não acredito que a FIR seja a mando do PR, mas acredito que os comandantes da FIR tenham dito que deviam defender a FRELIMO...” (linhas 187, 188).

(b) Assuntos familiares

(ex. 17) “...Te amo minha linda, acordei logo cedo para antes de ir ao colégio puder dizer quanto te amoooo e tou morrendo de saudades...” (linha 229).

(c) Assuntos sociedade

(ex. 18) “...Nos dias de hoje, devido ao degradante comportamento que a sociedade opta por trilhar, o CASAMENTO acaba tornando-se num CANSAMENTO...” (linha 218).

(d) Assuntos acadêmicos

(ex. 19) “...disse que o conhecia e ela me diz foi meu orientador e lhe devo muito do que sou. Conversamos convidou me para duas palestras e para possível pôs doutoramento na UNB. Porquê devia se ir ao sambódromo nos separamos...” (linhas 132 e 133).

(e) assuntos de esporte

(ex. 20) “...AVANTE BARCA... ACHO QUE JA TERMINOU O CAMPEONATO. [...] AGORA ATAQUEMOS A TACA DO REI E POR FIM A LIGA DOS CAMPOES...” (linhas 274 e 275).

Então, os conteúdos das mensagens e postagens do informante “B” de nada indicam um comportamento mau ou duvidoso. Nenhuma expressão de insulto, de calúnia ou de difamação foi evidenciada, o que significa que é um sujeito de bom caráter e de boas relações com os outros. O informante não apresenta nenhum dado pessoal nas suas postagens a ser os dados fornecidos no momento do cadastramento.

Com relação a informante “C” é importante sublinhar que é o mais comunicativo de todos. Escreve muito (misturando abreviaturas, siglas e palavras) e apresenta seus sentimentos ao público. Para além das formas do riso apresentados pelo informante “B” (repetições do “k”, “ka” e ainda o “he”) ela acrescenta as formas “rsrsrssi”, “bwakaka”, “haaaaa” e “ihihihih”. Estas formas tentam passar a oralidade para a escrita. Uma das características linguísticas mais marcantes nos textos é o uso do pronome “tu”. Quase sempre, a informante usa este pronome para conversar com os seus “amigos”. Nota-se a falta de concordância em sete frases, indício do fraco domínio da concordância verbal. Nas mensagens e postagens da informante “B” encontramos um pouco de tudo:

- (a) a escrita correta. (Ex. 21) “...Nem sempre quem cala consente, por vezes o silêncio significa estar cansada de discutir idiotices! ...”(linha 324)
- (b) expressões e frases em inglês. (Ex. 22) “... I am trying, but its not easy...” (linha 309).
- (c) expressões das línguas bantu moçambicanas. (ex. 23a) “...**helêlêlê**...” (linha 410);
(ex. 23b) “...**Hozaaaaaaa** gosto quando você abre a boca, você diz coisas...” (linha 368).
(ex. 23c) “...muita carne de cabrito e tomar sumo de **canhú** nessa vida...” (linha 328)
- (d) repetições de ênfase: (ex. 24) “...ufff dizer que mas **euuuuuuuuuu**...” (linha 425)

Ela produz um texto misto que não seguem um só estilo chegando a se confundir com o informante “B” e “A”. Pode-se concluir que a escrita da informante “C” é diversificada e depende do momento. Ela é versátil e pode mudar do seu estilo a cada momento.

O informante “D” não foge à regra dos restantes usuários do *Facebook* embora tenha algumas características específicas do seu perfil. Não coloca nenhuma acentuação nas palavras. Todas as frases as frases produzidas nas mensagens terminam com ponto de exclamação ou com ponto de interrogação. Apresenta erros ortográficos graves mesmo em palavras tão simples. Demonstra deficiência na escrita de palavras. As marcas de oralidade estão presentes por meio de junção de duas ou mais palavras formando uma só. É o caso de:

(ex. 25) “... come malta!...” (linha 604).

(ex. 26) “...mborala...” (linhas 543, 546).

(ex. 27) “...desejovox muita forxa 2014 sucessox na voxax careira! (linha 555).

(ex. 28) “... bom dia mozamigox, tow comexando o dia na companhia d hip-hop TV! (linha 493).

O ex. 25 significa “como é que é malta!” E “malta” significa “galera”, no português do Brasil. É uma expressão usada por jovens, tal como mostram as pesquisas de Timbane (2013). No ex. 26, a palavra significa “vamos embora para lá” também usada por jovens moçambicanos. No ex.27, a frase significa “desejo-vos muita força em 2014, sucessos na vossa carreira”. O importante a observar é a forma verbal “desejo-vos”. No ex. 28, a frase significa “bom dia amigos moçambicanos, estou começando o dia na companhia da televisão Hip-Hop”. Este perfil linguístico do informante “D” não foi observado nos restantes informantes o que significa que é uma característica do grupo social e de amigos a que ele pertence. A ele não pode ser atribuído características linguísticas a não ser do seu grupo sociolinguisticamente definido: jovem, morando na região urbana ou suburbana, gosta de hip-hop, etc.

Nas mensagens do informante “D” registamos neologismos que sustentam a idéia de que os jovens são os mais demonstram a criatividade lexical de qualquer que seja a língua. Senão vejamos, temos casos de **facebookeiros** (linha 531, 534) que significa aqueles que têm *Facebook*; **guiguito** (linhas 484, 486) que significa sexo, **futebóis** (linha 296) que significa dois ou mais jogos que ocorrem em campos diferentes ao mesmo tempo e **mozamigos** (linha 493) que

significa amigos moçambicanos. É um fenômeno frequente nas redes sociais e há vários estudos que mostram a criatividade lexical. Exemplos de Carvalho e Kramer (2013) dão exemplos no contexto da variedade do português brasileiro.

É interessante discutir questões de moçambicanos que são, na verdade mais recorrentes no informante “D”. Entendamos por moçambicanismos como o conjunto de marcas linguístico-discursivas (lexicais, morfológicas, sintáticas, fonéticas etc.) que ocorrem na fala/escrita de moçambicanos e que refletem a realidade sociolinguística local. (Timbane, 2013). As criações lexicais e semânticas que o informante “D” produz ilustram como é a fala da camada juvenil moçambicana. Vejamos alguns exemplos:

(ex. 29) “...Entao hoje em dia si elas acertam um tipo **fixi** e pha for eva!...” (linha 584)

(ex. 30) “...Malta tou cm **bradax** d escola ha batermx umax litex...” (linha 605)

(ex. 31) “...quando xtao cm uma mulher tem muito **filling** pha tirar a roupa...”(linha 584)

(ex. 32) “...tabus: eu reconhexo **nigas** da money music sao bons bem memo!....”(linha 554)

(ex. 33) “...**djima** mais pra vir lutar comigo!...” (linha 521)

As palavras **fixi** (ex. 29) significa “bom/legal”, **bradax** (ex. 30) significa “amigo/ irmão/ companheiro), **filling** (ex.31) que significa vontade/desejo, **nigas** (ex. 32) que significa “galera” e **djima** (ex.33) que significa “malhar/ fazer ginástica” ocorrem no contexto do Português de Moçambique e ocorre na fala/escrita nos jovens das região urbana e suburbana. É um perfil linguístico característico que não pode ser atribuído ao informante “B”, por exemplo, por que ele não usa esses termos, expressões ou palavras. Pertence a um outro grupo social com perfil linguístico diferente.

Sabe-se que a língua está intimamente ligada à cultura e é impossível dissociar, pois existe uma interdependência entre elas. Desta forma é possível observar traços linguísticos do Português de Moçambique sobretudo ao nível de escolhas lexicais. O léxico é o mais visível na identidade cultural de falantes de uma língua. A escolha de palavras como “fixi”, “bradax”, “nigas”, “djimar” é um indício de que se trata da fala de um Moçambique. É essas palavras são usadas no

contexto de jovens moçambicanos e jamais se pode confundir com jovens brasileiros, por exemplo, pois estes utilizam outro vocabulário. A identificação lexical permite compreender a identidade, a nacionalidade e o grupo social a que pertence o indivíduo. E isso é visível no Facebook desde que o investigador saiba ou conheça esses traços linguísticos.

A presença de empréstimos e estrangeirismos moçambicanos é outro traço linguístico que pode ser observado nos utilizadores do Facebook. O pesquisador que possui conceitos teóricos sobre neologismos, concretamente os neologismos de matriz externa certamente que compreenderá e identificará na escrita dos utilizadores de Facebook. A partir desses dados é possível imputar a pertença linguística ou não de um suspeito que seja objeto de investigação.

Conclusão

Se a ortografia existe para neutralizar a variação linguística; se os sistemas ideográficos usam a ortografia para neutralizar a atribuição semântica que a escrita representa; se os sistemas fonográficos fazem com que a ortografia neutralize a variação fonética que caracteriza os diferentes dialetos da língua (CAGLIARI, 2009, p. 38-39), então a ortografia do *Facebook* vai no sentido contrário, pois como vimos com base em exemplos, ele cria as suas formas específicas que em muitos casos tentam imitar a linguagem escrita. Nota-se que cada indivíduo tem o seu estilo linguístico que o particulariza. O estilo é resultado da experiência do indivíduo, da sua formação académica, de influências da rede de amigos, no nível social.

O perfil linguístico abrange a gramática (o tipo de formas verbais utilizados, as concordâncias nominais e verbais, etc), o léxico (os estrangeirismos e os empréstimos das línguas bantu e do inglês, do árabe), da semântica (que os valores semânticos dependem variam de cultura para cultura) e porque não da fonética e fonologia que influencia na escrita. É o caso da informante “A” que coloca /x/ em todas as palavras que têm o som [ʃ]. Por exemplo, escreve *xtou para dizer **estou**; escreve *parabnx para dizer **parabéns**; *mexmo para dizer **mesmo**, *xupar para **chupar**. Outro exemplo é do “que”, “ca” que são substituídos por “k” nas palavras *pork (porque), *kem

(quem); *loku (louco), *kenti (quente), etc. Esta adoção, ou melhor, adaptação da escrita apareceu com os informantes “A” e “D”. É um traço do perfil linguístico que ocorreu nos dois e talvez seja motivado pelo nível de escolaridade se compararmos com o nível de escolaridade dos informantes “B”, “C”.

Entendamos a análise do discurso como o espaço da constituição de identidade dos sujeitos pertencentes a uma determinada comunidade linguística. É no discurso onde se analisa a argumentação, a mediação e a troca de informação. As marcas de oralidade estão presentes no texto de *Facebook* e elas são diferentes dependendo da idade, da profissão, do nível de escolaridade e do sexo. Stubbs (1989) em seu livro *Discourse analysis: the sociolinguistics analysis of natural language* mostra a importância das variáveis sociais na análise do discurso. O autor aponta a necessidade de se observar as variáveis etnográficas que devem ser cruzadas com as variáveis linguísticas (p.7-9). Todos estes aspetos entram na análise conversacional tanto na conversação oral ou escrita como é o caso do *Facebook*, do *Skype* e outros. Analisando a conversação, Coulthard (1985, p. 59-69) mostrou que o papel do falante e do ouvinte são essenciais no estabelecimento da conversação. Neste caso que estamos falando do escritor e do leitor ocorre a mesma situação. Primeiro, os internautas sabem ou pelo menos imaginam quem será o leitor. Por isso que o informante “B” (da nossa pesquisa) procura escrever corretamente porque deseja passar boa imagem de si ao público, enquanto que o informante “C” usa termos que são compreendidos com facilidade pelo seu grupo de interesse.

Nesta pesquisa tentamos mostrar que a linguística forense é uma ciência que pode ser aproveitada na área policial para o esclarecimento ou investigação criminal. Tentamos mostrar como o conhecimento linguístico pode ajudar na identificação do perfil de suspeitos através do *Facebook*. De maneira alguma dissemos que só o *Facebook* resolve os problemas, mas sim o *Facebook* pode ajudar a reforçar as teses, ou melhor, a linha de investigação que está sendo seguida. O *Facebook*, por ser espaço de conversa, de debates, etc pode ser usado para demonstrar se uma determina determinada carta ou mensagem (no telefone ou na *internet*) pode ser de autoria do sujeito fulano e não sicrano. Defendemos o uso do *Facebook* como ferramenta

importante para a investigação criminal de sujeitos por forma a traçar um perfil linguístico ou psicológico dos sujeitos em causa. Sabe-se que a escrita se processa no cérebro e ninguém pensa igual ao outro. Isso significa que se pode aproveitar o Facebook como aliado importante na identificação do perfil linguístico de suspeitos.

Referências

CAGLIARI, Luiz Carlos. Aspectos teóricos da ortografia. In: SILVA, Maurício. (org.). **Ortografia da língua portuguesa**: história, discurso, representações. São Paulo: Contexto, 2009. p. 17-52.

CARVALHO, Nelly; KRAMER, Rita. A linguagem no facebook. In SHEPHERD, Tânia G.; SALIÉS, Tânia G. (orgs.). **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 77-92.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e mente**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

COULTHARD, Malcom R. **An introduction to discourse analysis**. London: Longman, 1985.

_____. Whose voice is it? invented and concealed dialogue in written records of verbal evidence produced by the police. In COTTERILL, Janet (ed.). **Language in the legal process**. New York: Palgrave, 2002. p. 19-34.

CRISTAL, David. **A revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Language and the internet**. Cambridge: CUP, 2003.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. trad. Judith Hoffnagel, Karina Falcone e outros. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FAVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia; AQUINO, Zilda G.O. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna. São Paulo: Cortez, 2000.

IBIRA NEWS REGIONAL, de 6/12/2012 publica “Policia de Potirendaba utiliza *facebook* para pegar pedófilo”. Disponível em: <http://ibiranews.com.br/wa_files/Policia_20de_20Potirendaba_20Utiliza_20Facebook_20para_20Pegar_20Ped_C3_B3filo.pdf>. Acesso em: 25 mai 2014.

JORNAL UOL, em São Paulo de 12/05/2014 anunciou “Traficante posta foto no facebook com drogas ao lado de viatura e é preso”. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/05/12/traficante-posta-foto-no-facebook-com-drogas-ao-lado-de-viatura-e-e-preso.htm>>. Acesso em: 25 mai 2014.

KEMPSON, Ruth. **Teoria semântica**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Genèses du discours**. 2. ed. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1984.

MALIK, Khalid. **Relatório do Desenvolvimento Humano**. New York: PNUD, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto**: o que é e como se faz. São Paulo: Parábola, 2012.

MATTOS, Maria Augusta Bastos de. **Dispersão e memória no cotidiano**. São Paulo: Fontes, 1998.

PRETI, Dino. **A linguagem proibida**: um estudo sobre a linguagem erótica. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982.

RÁDIO GLOBO, Rio de Janeiro de 21/10/2013 anunciou “Traficante entra na piscina com fuzis e posta foto em rede social” disponível em: <<http://radioglobo.globoradio.globo.com/noticias-do-rio-de-janeiro/2013/10/21/TRAFIGANTE-ENTRA-NA-PISCINA-COM-FUZIS-E-POSTA-FOTO-EM-REDE-SOCIAL.htm>>. Acesso em: 25 mai. 2014.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Como o internetês desafia a linguística. In: SHEPHERD, Tânia G.; SALIÉS, Tânia G. (orgs.). **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

SCHIFFRIN, Deborah. **Discours markers**. Cambridge: CUP, 1996.

SHUY, Roger. To testify or not to testify? In: COTTERILL, Janet (ed.). **Language in the legal process**. New York: Palgrave, 2002. p. 3-18.

_____. **Creating language crimes**: how law enforcement uses (and misuses) language. New York: OUP, 2005.

STUBBS, Michael. **Discourse analysis**: the sociolinguistics analysis of natural language. Oxford: Basil Blackwell, 1989.

TIMBANE, Alexandre António. **A variação e a mudança lexical da língua portuguesa em Moçambique**. 2013. 318 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2013.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem**: problemas e técnicas na produção oral e escrita. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Recebido em: 03 de julho de 2016

Aceito em: 25 de julho de 2016